

O Homem Social nas Redes Sociais: um estudo de caso sobre a cultura do cancelamento¹

Lucimar Gonçalves²
CUBC/SP

Gracy Astolpho Duarte³
ESPM/SP

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a interação social do homem em ambiente *on-line*, que se impõe, tal qual na vida social *off-line*, como uma indispensável premissa na construção da reputação social. Considerando as narrativas de expressividade utilizadas por internautas em rede nesse sentido e, com base em referencial teórico dos estudos da comunicação, das redes sociais e de subjetividades, refletimos sobre causas e efeitos inerentes a esse cenário com base em estudo de caso sobre o cancelamento do médico Drauzio Varella, como consequência de postura em reportagem veiculada em uma emissora nacional de televisão. Entre outros aspectos, identificamos não só a fragilidade das reputações produzidas em redes sociais, mas também a volubilidade da aceitação e do aval de pertencimento de uma determinada figura ao rol dos exaltados pelo público.

Palavras-chave: Comunicação Digital; Consumo Digital; Reputação Social; Cancelamento.

Introdução

As relações sociais pautam a vida humana há milênios e inspiram, desde a Antiguidade, reflexões sobre sua importância, suas formas e suas consequências. Também é demasiadamente difícil ao indivíduo renunciar a essas relações. Homem algum pode viver absolutamente sozinho.

No entanto, o homem contemporâneo experimenta uma gama singular de possibilidades de interação social, não só em seu cotidiano *off-line*, mas também e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Especialista em Comunicação Empresarial (FAM), São Paulo. Professora nos cursos de Comunicação Social e Marketing do Centro Universitário Braz Cubas (CUBC), São Paulo. Pesquisadora integrante do GRUSCCO: Grupo CNPq de Pesquisa em Subjetividade, Comunicação e Consumo, liderado pela Profa. Dra. Gisela G. S. Castro. E-mail: lucimargoncalves@uol.com.br

³ Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM), São Paulo. Pesquisadora integrante do GRUSCCO: Grupo CNPq de Pesquisa em Subjetividade, Comunicação e Consumo, liderado pela Profa. Dra. Gisela G. S. Castro. Coordenadora do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Mogi das Cruzes – UMC. E-mail: gracycris@gmail.com.

notadamente, em suas incursões pelo ambiente *on-line*. De acordo com Hall (2001), uma nova lógica atinge profundamente o indivíduo no final do século XX, quando se instaura a chamada crise de identidade, inserida em uma realidade mais ampla de mudança, que desloca as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abala os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Impulsionada pelo avanço constante de recursos tecnológicos, a dinâmica da convivência em rede ganha novos contornos, que potencializam as possibilidades de expressividade e de narrativas, em constante evolução. Para Castells (1999), a inclusão/exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias da informação, configuram os processos e funções predominantes em nossas sociedades.

Isto posto, verifica-se que, perseguindo a construção de uma identidade ideal, que possa ser aceita pelo outro, e por ele exaltada e acolhida, este ser social-digital vai, pouco a pouco, moldando sua reputação com vistas a atender as exigência de uma audiência instável, que ora acolhe e ora rechaça imagens apresentadas.

Para além da lógica da realidade ou da fantasia, essa identidade ideal precisa, mais que tudo, transmitir e emitir, por meio da comunicação formal ou de inferências, um sinal claro: o de que merece pertencer àquele grupo almejado. Bauman (2007) nos oferece reflexão sobre esse quadro, ao afirmar que os internautas buscam, encontram e aproveitam os atalhos que levam diretamente do jogo da fantasia à aceitação social. E muitas são as ferramentas disponíveis para isso.

Todavia, o mundo virtual, com sua velocidade, pungente interatividade e especificidades interacionais, constituiu-se, para o indivíduo contemporâneo, em terreno arenoso e repleto de incongruências quando o objetivo é o de construir reputação com vistas ao desejo de pertencimento. Em rede, nada conta com a garantia da permanência. Uma palavra, um gesto um ato podem ser suficientes para o acolhimento transformar-se em julgamento, caso o indivíduo-alvo mostre não ser mais merecedor da confiança ou da aceitação da audiência *on-line*, como momentos antes o era. A fragilidade dos laços (se é que chegam a existir de fato) no cerne das relações sociais *on-line* é exposta e lança o indivíduo contemporâneo em um ciclo de construção, espera por aceitação, aceitação, descostrução e reconstrução, sujeito sempre às ondas de julgamento apresentado, por

vezes de forma cruel, em *posts* e comentários nas redes sociais, fato que pode ser explicado por Bauman (2007), ao afirmar que “hoje em dia, essas ligações tendem a ser vistas – com um misto de regozijo e ansiedade – como frágeis, desintegráveis sem qualquer dificuldade e tão fáceis de romper quanto de estabelecer.” (BAUMAN, 2007, p.136).

É nesse contexto que se apresenta a chamada cultura do cancelamento, na verdade um boicote virtual dirigido àquele que, de forma voluntária ou involuntária, frustrou expectativas, traiu regras não-oficiais, ousou ser diferente em alguma medida.

Foi neste contexto que o médico Drauzio Varella viu sua reputação atravessar céus e infernos num curtíssimo intervalo de tempo por conta da guinada inesperada da opinião de internautas sobre a história de uma personagem de matéria jornalística da qual ele fez parte. O ocorrido nos dá prova da árdua tarefa que exige a construção de uma reputação na internet e de como ela pode ser levada a cabo com surpreendente rapidez e facilidade.

Assim, entendemos como relevante o tema do presente artigo, uma vez que tem como objetivo refletir sobre a estrutura das interações em redes sociais digitais e suas características fundamentais, destacando narrativas e definições de modos de ser de todos os atores envolvidos nesse cenário. Nas palavras de Castells (1999), a sociedade em rede representa uma transformação qualitativa da experiência humana.

Homem Social, Redes Digitais e a Ideia de Pertencimento

Há muito que a incidência do convívio social na vida humana estimula reflexões. Na Grécia antiga, Aristóteles já ousava examinar em profundidade a questão e descrever o homem como “um ser social”. Segundo ele, o homem é naturalmente carente, o que o leva a buscar união com outros em busca de plenitude.

“Não menos estranho seria fazer do homem feliz um solitário, pois ninguém escolheria a posse do mundo inteiro sob a condição de viver só, já que o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade” (Aristóteles, 1973, IX, 9, 1169b, p. 18-20).

Vem a reboque, nesse sentido, a ideia de pertencimento social, tão presente na estrutura da psique humana e destacada por Doyal e Gough (1994), ao afirmarem que necessidades elementares e universais não são apenas o alimento e o abrigo, mas, principalmente, a necessidade de participar de alguma forma da vida na sociedade.

Essa questão ganha ainda outros contornos na convivência contemporânea, uma vez que as redes digitais ampliaram significativamente os modos de interação social, a frequência e o alcance dos diálogos estabelecidos.

Para se ter uma ideia da relevância das redes sociais para o indivíduo contemporâneo, o relatório Digital 2020: Brasil⁴, realizado pelo *We Are Social e Hootsuite*, dá conta da presença das redes digitais no cotidiano dos indivíduos e oferece um panorama da sociedade digital. São 150,4 milhões de usuários na internet. Destes, 66% são ativos em redes sociais. Em outra pesquisa, publicada pelo aplicativo de *dropshipping* Oberlo⁵, os dados mostram magnitude semelhante. Mundialmente, 3,2 bilhões de pessoas usam ao menos uma rede social, número que corresponde a 42% da população mundial. O *Facebook* ainda é a rede social mais usada no mundo. Só nos Estados Unidos, 68% da população adulta é usuária da plataforma. Entre os usuários, os chamados *Millennials* são os mais ativos (90.4% deles estão conectados), seguidos de indivíduos pertencentes à Geração X (77.5%) e de dos *Baby Boomers* (48.2%). A grandeza dos números reflete a importância das redes digitais no cotidiano da população não só brasileira como mundial.

Para muito além dos espaços físicos, perfis em *sites* e aplicativos de redes sociais rompem fronteiras, extrapolam culturas, “desterritorializam-se” para, em seguida, ganharem novos significados em outros moldes, à mercê das demandas do ambiente *online*.

Conectado, o homem social agora estrutura suas relações em outros meios. Nesse sentido, o viés social do homem, proposto por Aristóteles, passa a ser construído de forma a atender uma cadeia singular de demandas, entre elas, uma fundamental impressão a ser causada, para um determinado grupo no ambiente digital, que possibilitará ao indivíduo a aceitação e, conseqüentemente, a sensação de pertencimento.

A expressividade passa, então, a ter significativo valor. Goffman (2002) explora esse ponto, destacando, nesse campo, duas espécies diferentes de atividades: a expressão que o indivíduo transmite e a expressão que ele emite.

A primeira, refere-se a símbolos verbais, ou substitutos, que o indivíduo usa de forma proposital para transmitir determinadas informações que ele e os outros sabem estar ligadas a esses símbolos. “Esta é a comunicação no sentido tradicional e estrito”

⁴ Disponível em <<https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil>>. Acesso em 04.10.2020.

⁵ Disponível em <<https://www.oberlo.com.br/blog/redes-sociais-estatisticas>>. Acessado em 04.10.2020.

(GOFFMAN, 2002, p.11). A segunda tem como base uma ampla gama de ações, de tipo mais teatral e contextual, em um jogo de inferências.

Buscando refletir sobre a estruturação da expressividade no ambiente *on-line*, ambas as atividades podem ser observadas. A primeira por meio da utilização de textos, estruturados em *posts* e comentários. A segunda, pouco mais complexa, observa-se estruturar-se em posturas refletidas por imagens fotográficas e audiovisuais, e na própria participação ativa nas redes, na forma de interações, em evidente busca pela composição de uma provável reputação social. Para Recuero (2009, p.109), a “reputação implica diretamente o fato de que há informações sobre quem somos e o que pensamos, que auxiliam outros a construir, por sua vez, suas percepções sobre nós”.

Goffman (2002, p.14), propondo que as atitudes de um indivíduo diante de outros podem influenciar as ações da situação que se apresentará, explica que a forma de agir do sujeito pode estar, em alguns casos, relacionada ao tipo de impressão que ele pretende obter para alcançar um resultado que lhe interessa. Outras vezes, explica o autor, o indivíduo estará agindo calculadamente, mas terá, em termos relativos, pouca consciência de estar procedendo assim. Em outros momentos, reforça Goffman (2002), os modos de agir do sujeito podem ser conscientemente relacionados às suas intenções, mas pode ocorrer, sobretudo, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão.

Assim, a representação de um papel na vida social *on-line* demonstra ser tão significativa quanto o é na vida social *off-line*. Por consequência, quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles (GOFFMAN, 2002).

Analisando especificamente do ponto de vista do indivíduo e do que ele acredita, o autor explica que:

pode desejar que pensem muito bem dele, ou que eles pensem estar ele pensando muito bem deles ou que percebam o que realmente sente com relação a eles, ou que não cheguem a ter uma impressão definida; pode desejar assegurar harmonia suficiente para que a interação possa ser mantida, ou trapacear, desembaraçar-se deles, confundi-los, induzi-los a erro, opor-se a eles ou insultá-los. (*Ibidem*, p. 12).

Tal qual um apostador em um jogo de inferências, o homem constrói, palavra a palavra, ação a ação, a imagem que acredita ser a imagem aceita por outros, o “passaporte” para pertencer a este ou a aquele grupo.

Estabelecendo uma ponte entre a vivência social do homem no mundo físico e sua vivência no ambiente digital, é possível considerar que as interações colocadas em prática no cotidiano de usuários de redes possam ser pautadas pela explícita necessidade de barganhar capital social e, por conseguinte, criar identificação com determinados grupos e por eles ser aceito, ainda que tais interações possam não refletir fielmente posições autênticas. Formas de comunicar, por vezes, tornam-se esteio inexorável do homem social digital.

Para a sociedade em geral, como oferece-nos Castells (2013), a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. A contínua evolução das tecnologias, possibilita uma ampliação considerável do alcance das redes digitais para todas as áreas da vida social. Além disso, o cenário que abriga as interações em rede é, cada vez mais, composto por uma percepção simbólica da realidade, que, para ser posta em movimento, precisa contar com a empatia como fio condutor. Para o autor, a empatia no processo de comunicação é determinada por experiências semelhantes às que motivaram o acesso emocional inicial.

Portanto, se vislumbrarmos uma relação entre a construção da expressividade do indivíduo, proposta por Doyal e Gough (1994), e compreendermos que, em ambiente *on-line* essa expressividade só gerará pertencimento se o indivíduo fizer parte da ciranda simbólica que algumas situações propõem, é importante considerar que tais interações em rede, especialmente aquelas que ajudam a compor engajamento por “causas”, justas ou não, representam, mais que uma “onda” de opiniões favoráveis ou contrárias, uma espécie de convocação ao internauta a participar para ser percebido, considerado, visto, aceito.

Temos então uma forma de *modus vivendi* interacional. Os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação, que implica não tanto num acordo real sobre o que existe, mas, antes, num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas. (GOFFMAN, 2002, p.17).

No entanto, em uma concepção contemporânea, os posicionamentos em redes digitais não são duradouros. Ao contrário, costumam ser fluidos, instáveis, seguindo temas que estejam em pauta em um determinado momento, para, em seguida, acompanhar outro que rapidamente o suplanta. Por vezes, uma figura pública ou celebridade é exaltada para, pouco tempo depois, ser abertamente criticada e julgada pelo mesmo público que a exaltou. Para Bauman (2005, p. 60), “flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de

curta duração parece mais atraente”. Até porque, a construção de uma reputação em rede não pressupõe estabelecer laços, permanentes ou não, com a audiência para a qual o indivíduo se dirige.

Fatos e Acontecimentos: Ditos e Julgamentos em Rede

Pautadas por movimentos que buscam entreter e promover atitudes entre a audiência frente ao chamamento por meio de fatos e/ou acontecimentos polêmicos, as narrativas construídas e compartilhadas nas redes sociais, ao mesmo tempo em que entretêm, muitas vezes, também acusam, julgam e condenam. Isto se dá, sobretudo, porque o ambiente comunicativo na internet construiu seus próprios contornos. As interações habituais entre os sujeitos e seus grupos sociais, com o advento de aparatos tecnológicos, ganhou em proporções expressivas o alcance de público.

Os usuários de sites de redes sociais, disponíveis para interações, respondem positivamente ao estímulo dado pelos discursos persuasivos das publicações polêmicas, transformando-se eles próprios em uma mercadoria. A reação dos sujeitos em relação às informações apresentadas por seus pares nas redes digitais expõe a reputação e a audiência do iniciador do conteúdo.

Mas, de que forma pessoas públicas, que dedicam tanto tempo e esforço à criação de suas próprias reputações e são, portanto, tão suscetíveis às opiniões, se inserem nesse contexto? Podem elas considerar a fidelidade de seu público diante do exposto? Com vistas a observar a expressividade em redes por meio de interações e verificar a impermanência de opiniões dos indivíduos nesse ambiente, destacamos um fato que repercutiu de forma considerável, escancarando a fragilidade das relações estabelecidas nas redes digitais.

A percepção positiva da imagem do médico Drauzio Varella foi, por um longo tempo, unanimidade nacional. Referência na internet, envolvido em um trabalho com detentos, autor de livro, produtor de *site* e figura presente na TV, conseguiu, ao longo dos anos, impulsionar a produção de sentidos sobre a área da saúde no país, por vezes informando, por outras persuadindo a população sobre questões importantes de cuidados pessoais.

Mas, a exibição de uma reportagem no programa Fantástico, da TV Globo, intitulada “Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência”⁶, que foi ao ar no dia 01 de março de 2020, mudou de forma radical esse julgamento. Na matéria, Varella entrevista a detenta trans, Suzy de Oliveira Santos, que salienta ao médico, em um dado momento, sua condição de solidão por conta da ausência total de visitas, há oito anos. Varella, comovido com o relato, abraça a entrevistada e acaba comovendo também, de forma involuntária, a opinião pública sobre a história que havia acabado de mostrar. Suzy chegou a receber inúmeras cartas e vários presentes, e uma vaquinha *on-line* chegou a ser realizada para ajudá-la. O médico comemorou o envolvimento do público com o tema e várias matérias sobre seu feito foram publicadas na internet.

Entretanto, alguns dias depois, no dia 08 de março de 2020, o *site* O Antagonista publicou uma matéria⁷ em que contava a história da detenta por um outro ângulo: Suzy teria sido presa por estupro e estrangulamento de um menino de nove anos. A opinião pública, diante das novas e surpreendentes informações, passou, então a posicionar-se de forma absolutamente contrária, retirando apoio à figura da reportagem e passando a hostilizá-la veemente. Mas não só a ela. O médico, responsável pela entrevista, passou ele mesmo a ser alvo de ferrenhos ataques de internautas, que o colocaram, de forma repentina e irreversível, em contato com a chamada cultura de cancelamento, espécie de boicote aberto praticado no cenário virtual.

Em entrevista⁸ à Revista Carta Capital, o psicanalista e professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Christian Dunker, destaca os riscos do caráter por vezes exagerado do cancelamento, propondo uma clara distinção entre o cancelamento como ato político estruturado do cancelamento autocrático baseado em moralismo.

No caso de Varella, as questões morais constituíram, de forma unânime, a base das narrativas de ataque a ele e o levaram a ter que se desculpar por meio de carta aberta e de vídeo postados nas redes, especialmente pelo abraço que ofereceu à personagem da matéria e por ter se comovido e se deixado levar por sua história.

⁶ Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/8364420/>>. Acesso em 05.10.20.

⁷ Disponível em <<https://www.oantagonista.com/sociedade/trans-abracada-por-drauzio-no-fantastico-matou-e-estrangulou-menino-de-9-anos>>. Acesso em 05.10.20.

⁸ Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cancelamento-nas-redes-sociais-vai-da-represalia-ao-linchamento>>. Acesso em 09.10.20.

Em sua interpretação sobre as formas de representações, Goffman (2002, p.57), explica que

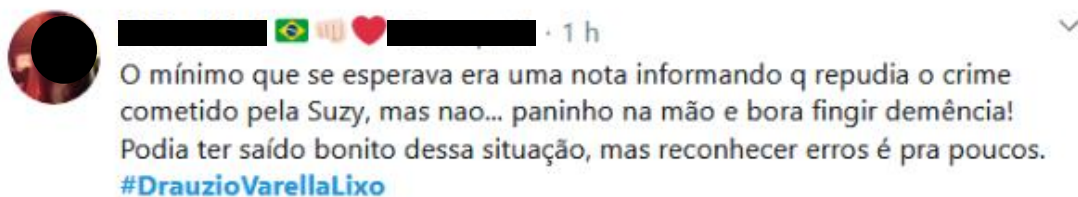
a coerência expressiva exigida nas representações põe em destaque uma decisiva discrepância entre nosso eu demasiado humano e nosso eu socializado. Como seres humanos somos, presumivelmente, criaturas com impulsos variáveis, com estados de espírito e energias que mudam de um momento para outro. Quando porém nos revestimos de caráter de personagens em face de um público, não devemos estar sujeitos a altos e baixos.

A Rede Globo, responsável pela veiculação da matéria, também apresentou pedido de desculpas ao público, lido durante a edição do Jornal Nacional do dia 10 de março.

O fato nos remete ao conteúdo de uma entrevista dada por Bauman ao jornal El País em 2016, na qual destaca a impermanência como uma característica estrutural das identidades e posicionamentos construídas nesse ambiente.

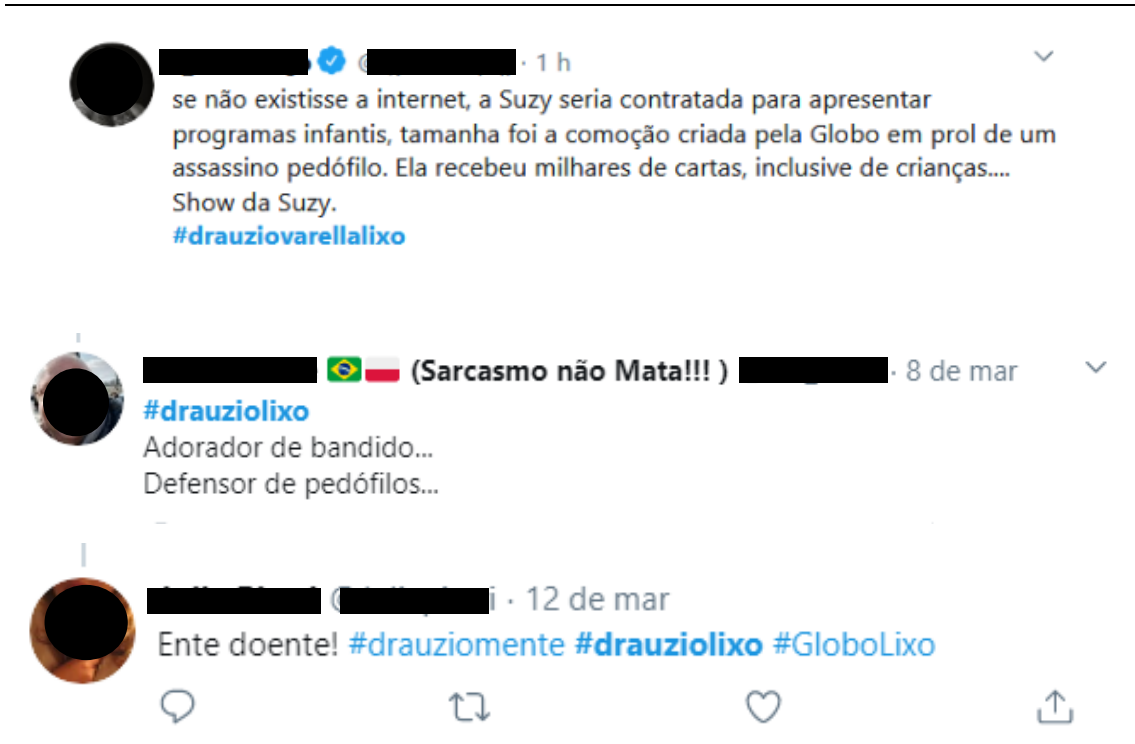
As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha.⁹

A reputação profissional de Varella, arduamente construída e elogiada, não foi suficiente para conter o massacre virtual promovido pelo público, que substituiu, em poucos dias e por um único fato, a hashtag *#dr.drauziovarella* por *#drauzivarellaolixo*, colocando-a na lista das mais comentadas no Twitter em 09 de março de 2020, conforme exemplos a seguir¹⁰:



⁹Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html>. Acesso em 29.09.20.

¹⁰ Disponível em <<https://twitter.com/hashtag/drauziolixo?src=hash>>. Acesso em 05.10.20



Fonte: Twitter

Neste sentido, a retórica de julgamentos exposta nestas publicações sobre o conteúdo da matéria e às próprias atitudes do médico, não propõe nas redes sociais uma declarada elucidação dos fatos, pelo contrário, provoca outras reverberações que servem ao interesse de sujeitos que também buscam sua porção de notoriedade sobre os acontecimentos.

Bauman (2004), ao salientar que em uma vida moderna líquida não há laços permanentes, oferece-nos base para uma reflexão ainda mais ampla a respeito da drástica mudança da opinião pública sobre a imagem do médico, neste contexto que envolve manifestações da audiência nas redes digitais. O autor explica que tudo que seguramos por um tempo deve ser condicionado por tramas que possam ser novamente desfeitas com a mesma facilidade, caso as circunstâncias sejam modificadas.

Isso se faz notório tanto nos movimentos dos internautas que, em publicações em suas redes digitais, apoiaram e depois desprezaram as atitudes do médico, como também, na forma como a emissora e o próprio médico conduziram tais manifestações.

Goffman (2002) também pode auxiliar na compreensão dessa exacerbada reação do público ao afirmar que, por vezes, diante de uma imagem que indagamos ser verdadeira ou falsa, na verdade queremos saber se o ator está, ou não, autorizado a

desempenhar o papel em questão. Não estamos interessados primordialmente na representação real em si mesma. Os textos midiáticos “nos engajam de diferentes maneiras e com diferentes chamados às nossas sensibilidades” (SILVERSTONE, 2002, p. 62).

Apesar de postagens em apoio a Varella também terem sido publicadas, a enorme quantidade de comentários negativos foi o que alçou o assunto a um dos mais comentados daquele período e o que contribuiu para a composição de uma imagem desfavorável do profissional nas redes.

Considerações Finais

Como vimos, a necessidade de socialização do homem ganhou contornos singulares diante da intensa presença das redes digitais no cotidiano do sujeito contemporâneo.

Em ambiente *on-line*, outras demandas de aceitação se apresentam, e a busca por identidade, reputação e pertencimento levam o homem social a produzir ações distintas, de comunicação direta ou de inferências que possam legitimar a imagem construída.

Essa dinâmica ocorre em todas as direções e a elas estão sujeitas, de alguma forma, todos os atores presentes nesse ambiente.

De um lado, o público comum cria imagens de si e interage com vistas a construir subjetividade. De outro, figuras públicas fazem o mesmo, ainda que em proporções distintas, mas com o mesmo objetivo. Todos estão sujeitos aos julgamentos uns dos outros, especialmente quando a imagem projetada, por alguma razão específica, não corresponde, em dado momento, à imagem comunicada.

Fundamentados, por vezes, em questões estruturalmente político-sociais, e em outras tão somente em valores morais, os julgamentos em rede podem ganhar proporções surpreendentes e desconstruírem repentinamente a imagem de uma determinada figura, pública ou não, sugerindo ao demais um boicote a ela, chamado, no ambiente virtual, de cancelamento.

Embora a sociedade contemporânea seja intensivamente abastecida de informações, nem sempre este conteúdo legitima reputações dos sujeitos na sociedade e, sobretudo, no ambiente digital. Assim, em julgamentos contundentes, os discursos que se

reverberam nas redes digitais constroem realidades paralelas que servem aos interesses individuais bem mais que os interesses coletivos.

Os ataques virtuais sofridos pelo médico Drauzio Varella por conta de uma atitude em reportagem televisiva nos mostra não só a fragilidade das reputações produzidas em redes sociais, mas também a volubilidade da aceitação e do aval de pertencimento de uma determinada figura ao rol dos exaltados pelo público que as compõe, desconsiderando contextos que envolvem o fato.

Nossa experiência de vida em sociedade nos ensinou uma série de códigos culturais graças aos quais ajustamos nosso comportamento de acordo com nosso interlocutor: a quem estou dizendo isso? Quantos são? São amigos, relações profissionais? Posso dizer isso para Y se a minha relação com X mudou? Tais questões encontram respostas espontâneas, instintivas na “vida real”, porque podemos avaliar instantaneamente o contexto em que nos encontramos. É uma perspectiva totalmente diferente quando se trata de relacionamentos digitais. (LOPES e KUNSCH, 2016, p. 18)

É, portanto, mister considerar cuidadosamente cada ação em busca de expressividade em ambiente *on-line*, assim como as possibilidades de bruscas alterações em níveis de aceitação, por parte da audiência, da reputação social construída, uma vez que entende-se por definitivo o fato de que, nesse cenário, nada é permanente e tudo toma proporções bem distintas daquelas a que o indivíduo está acostumado a se expor na vida “real”.

Referências Bibliográficas:

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Valandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Vol. IV: Os Pensadores.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2004.

_____. **Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DOYAL, L.; GUOGH, I. **Una teoría de las necesidades humanas**. Trad. José Antonio Moyano; Alejandro Colás. Barcelona: Icaria Fuhem, 1994.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOPES Maria Immacolata Vassallo e KUNSCH, Margarida Maria Krohling (orgs.). **Comunicação, Cultura e Mídias Sociais**. São Paulo: Eca-Usp, 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Loyola, 2002.

Referências Webgráficas:

DATAREPORTAL. **Digital 2020: Brasil**. Disponível em <<https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil>> Acesso em 04.10.2020.

GLOBOPLAY. **Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono em violência**. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/8364420>>. Acesso em 05.10.20.

JORNAL EL PAIS. **Zygmunt Bauman: As redes sociais são uma armadilha**. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html>. Acesso em 29.09.20.

O ANTAGONISTA. **Trans abraçada por Drauzio Varella no Fantástico estuprou e estrangulou menino de 9 anos**. Disponível em <<https://www.oantagonista.com/sociedade/trans-abracada-por-drauzio-no-fantastico-matou-e-estrangulou-menino-de-9-anos/>> Acesso em 05.10.20.

OBERLO. **Estatísticas das Redes Sociais**. Disponível em <<https://www.oberlo.com.br/blog/redes-sociais-estatisticas>> Acesso em 04.10.2020.

REVISTA CARTA CAPITAL. **Cancelamento nas redes sociais vai da represália ao linchamento**. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cancelamento-nas-redes-sociais-vai-da-represalia-ao-linchamento>>. Acesso em 09.10.20.

REVISTA MEIO E MENSAGEM. **Cinco reflexões de Bauman sobre o mundo digital**. Disponível em <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/01/10/cinco-reflexoes-de-bauman-sobre-o-mundo-digital.html>>. Acesso em 28.09.20.